

Filosofia da Escola Oficina do Saber: Variações sobre o Prazer

“Bem, o importante é o tom, que deverá estar entre o solene e o íntimo, entre o sério e o brincado, um tom que não seja de instrumentação, mas de conversa amigável sobre as várias coisas que aprendi...” E a poesia, ela nos torna mais sábios, retirando-nos do torvelinho agitado com que a confusão da vida nos perturba. Drumond, escrevendo sobre Cecília Meireles, disse: “Não me parecia criatura inquestionavelmente real; por mais que aferisse os traços de sua presença entre nós, marcada por gestos de cortesia e sociabilidade, restava-me a impressão de que ela não estava onde nós a víamos. Por onde estaria a verdadeira Cecília, que, respondendo à indagação de um curioso, admitiu ser seu principal defeito “uma certa ausência do mundo”. Do mundo como teatro, em que cada espectador se sente impelido a tomar parte frenética no espetáculo, sim; mas não, porém, do mundo das essências, em que a vida é mais intensa porque se desenvolve em um estado puro, sem atritos, liberta das contradições da existência. Pois é isso que a poesia faz: ela nos convida a andar pelos caminhos da nossa própria verdade, os caminhos em que mora o essencial. Se as pessoas soubessem ler poesia é certo que os terapeutas teriam menos trabalho e talvez suas terapias se transformassem em concertos de poesia.

Aconteceu que, numa dessas reuniões, quando liamos trechos da Agenda de 2009 – Carpe Diem – (Viva a Vida) encontramos essa afirmação de Gandhi: “Eu nunca acreditei que a sobrevivência fosse um valor último. A vida, para ser bela, deve estar cercada da vontade, de bondade e de liberdade. Essas são coisas pelas quais vale a pena morrer.” Pergunto: Vamos fazer um jogo, que faríamos se soubéssemos que teremos mais um ano de vida? (Não o último). A consciência da morte nos dá uma maravilhosa lucidez. Sãos tolos não têm essa lucidez. E o amor? Abandonar o amor? Mas é preciso escolher. Porque o tempo foge. Não há tempo para tudo. Não poderei escutar todas as músicas que desejo, não poderei ler todos os livros que desejo, não poderei abraçar todas as pessoas que desejo. É necessário aprender a arte de “abrir mão”, a fim de nos dedicarmos àquilo que é essencial. Sem culpa. Grande é a poesia, a bondade e as danças...

Mas o melhor do mundo são as crianças. Que fizemos com nosso jardim? Cresceu o mato, morreram os peixes e as abelhas. Como não acreditar em Deus se há jardins? Um jardim é a face visível de Deus. E essa face me basta. No jardim estamos no paraíso. Quero ouvir música, aquelas que fazem parte da minha alma. Quero reler alguns livros, reler porque sempre é uma alegria. Caminhar por caminhos conhecidos e esquecidos. É como se fosse pela primeira vez. Sim, início de ano letivo, é como se você fosse entrar na sala de aula pela primeira vez; nossa primeira música, nosso jardim. Quero meus amigos. Não do jeito do Roberto Carlos, que queria ter um milhão de amigos. Não é possível ter um milhão de amigos. Quero meus poucos amigos. Amigos: pessoas em cuja presença não é preciso falar...

A vida é assim: a gente escolhe um caminho na esperança de que ele vá nos conduzir a um lugar de alegria. Tolos, pensamos que a alegria está ao final do caminho. E caminhamos distraídos, sem prestar atenção. Afinal de contas, caminho é só caminho, passagem, não é ponto de chegada.

Até... nosso caminho começa agora.